

# A unidade didática como elemento organizador do livro didático de Português: sua constituição na década de 1980

Joceli Cargnelutti

Universidade Federal de Santa Maria  
Santa Maria, Rio Grande do Sul, 97110-000, Brasil

[jocelicargne@gmail.com](mailto:jocelicargne@gmail.com)

## RESUMO

No presente trabalho, na tentativa de melhor conhecer a constituição do ensino de língua portuguesa, propomos, tomando a unidade didática como foco, investigar em que medida ela pode se constituir em um elemento organizador do livro didático de Língua Portuguesa na década de 1980, no Brasil. Para tanto, a pesquisa se sustenta na perspectiva teórica sócio-histórica, que permite compreender a unidade didática a partir de um processo histórico. Estudar o livro didático no Brasil sob essa perspectiva é um caminho aberto não só ao conhecimento da constituição da disciplina Língua Portuguesa, em particular, mas também ao de qualquer outra disciplina, ao longo do tempo, sempre determinado e explicado pela evolução de políticas sociais, culturais e educacionais (Soares, 1996).

**Palavras-chave:** unidade didática, livro didático, ensino de Língua Portuguesa

## 0 INTRODUÇÃO

Na atualidade tem sido crescente o número de estudos que buscam compreender como determinados saberes se tornaram propriamente escolares. Uma área de conhecimento que tem se dedicado a esse estudo é a História das Disciplinas Escolares, recentemente instaurada no campo da educação, área essa que permite recuperar o processo de instituição e constituição de certos conteúdos em disciplina curricular, identificando e compreendendo sua evolução. A grande parte dos estudos é desenvolvida por professores pesquisadores, de diferentes áreas, interessados em conhecer a história de suas próprias disciplinas para um “melhor entendimento do papel desempenhado pela escola e por outras instâncias sociais na definição daquilo que, ao longo do tempo, tem sido considerado essencial na formação das novas gerações”, segundo Souza Júnior e Galvão (2005, p. 393).

Neste estudo, direcionamos nossa atenção para a área de conhecimento língua portuguesa buscando conhecer, via livro didático, a constituição desse saber em disciplina curricular. Muitos são os ângulos através dos quais o livro didático tem sido abordado (Soares, 1996): alguns procuram conhecer, por exemplo, qual o papel específico deste instrumento que circula na esfera escolar; outros, a relação que se estabelece entre livro e professor, livro e aluno nesse espaço, dentre outras pesquisas.

No presente trabalho, na tentativa de melhor conhecer a constituição do ensino de língua portuguesa, propomos, tomando a unidade didática como foco, a investigar em que medida ela pode se constituir em um elemento organizador do livro didático de Língua Portuguesa na década de 1980, no Brasil e verificar como a unidade se constitui nesse período

Para tanto, a pesquisa se sustenta na perspectiva teórica sócio-histórica, que permite compreender a unidade didática a partir de um processo histórico, e o livro didático como um dos instrumentos responsáveis para “assegurar a aquisição dos saberes e competências julgados indispensáveis à inserção das novas gerações na

sociedade”, conforme Soares (1996, p. 116). Estudar o livro didático no Brasil sob essa perspectiva é um caminho aberto não só ao conhecimento da constituição da disciplina Língua Portuguesa, em particular, mas também ao de qualquer outra disciplina, ao longo do tempo, sempre determinado e explicado pela evolução de políticas sociais, culturais e educacionais (Soares, 1996).

Selecionamos o livro didático *Novo Português através dos textos*, de Magda Becker Soares, publicado em 1982, pela Editora Abril, voltado à sexta série do Ensino Fundamental, livro do professor.

A contribuição que buscamos trazer com este trabalho para os estudos da linguagem consiste na possibilidade de refletir e discutir sobre o passado do ensino de língua portuguesa, como forma de, em trazendo novos elementos desse passado, auxiliar na formação dos futuros professores dessa disciplina. O que nos move nesta tarefa é o fato de acreditarmos que, o conhecimento dessa história pode ser fonte de reflexão e discussão da situação vivida hoje no ensino de língua portuguesa. Quando falamos em unidade didática, objeto de nossa investigação, estamos buscando conhecer seu processo de constituição, como uma possibilidade de conhecer um pouco mais a respeito da história do ensino de língua portuguesa.

## 1 NOVO PORTUGUÊS ATRAVÉS DE TEXTOS

*Novo Português Através de Textos*, de Magda Soares, foi publicado em 1982 pela Editora Abril Educação; destinado à sexta série do Ensino Fundamental, apresenta estrutura física semelhante à do livro *Português Oral e Escrito*, porém em espiral. A capa do livro se configura pela apresentação de várias informações escritas em cor branca, tendo como fundo a cor azul. Na parte superior encontra-se o nome da autora do livro, seguido da informação Comunicação e expressão e abaixo, em caixa alta, a indicação Livro do Professor. No canto superior esquerdo encontra-se a seguinte observação: “Somente o livro do professor tem a espiral de arame”. Na parte inferior é apresentado o título do livro, centralizado, e, logo

abaixo, à direita, em retângulo branco, encontra-se o número seis, relativo à série a que se destina o manual, seguido do nome da editora.

Junto à ficha catalográfica encontram-se informações relativas à autora do livro como forma de saber quem é este que se autoriza a publicar um livro didático. Dentre as informações destacamos algumas: licenciada em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia da UFMG, Livre Docente e Doutora em Didática Geral e Especial pela Faculdade de Filosofia da UFMG; professora de Didática Geral e de Português na UFMG desde 1960, em cursos de graduação e pós-graduação, conforme ficha catalográfica anteriormente apresentada

A folha de rosto é composta por uma carta direcionada ao professor onde a autora procura justificar, primeiramente, a situação, na época da publicação, em que se encontravam os professores no Brasil e, a seguir, apresenta sua proposta como forma de estar participando do processo de ensino.

Novo Português Através de Textos confirma uma tendência apresentada no texto de Bittencourt (2008) exposto anteriormente, em que os autores e editores dos livros didáticos, por diferentes fatores, criavam estratégias para facilitar a comercialização dos seus exemplares. Uma dessas estratégias foi a introdução do termo “novo” nos títulos como forma de credenciar a obra perante seu público consumidor, mas nem sempre correspondendo a mudanças efetivas no texto.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No presente trabalho, assumimos a perspectiva teórica sócio-histórica bakhtiniana a partir da qual, ao tratar da verdadeira substância da língua, Bakhtin/Voloshinov (1929/2002), pontuam que esta é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, onde a própria interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. Dessa forma, para os estudiosos, tanto o diálogo, pensado em sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja, quanto o livro, entendido por esses autores como um ato de fala impresso, feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, constituem-se igualmente como um elemento da comunicação verbal.

Assim, qualquer enunciação, conforme esses autores, por mais significativa e completa que seja, “constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta” (Id. Ibid., p.123), sendo “apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado” em função de um importante problema que decorre desta situação: o estudo das relações entre interação concreta e a situação extralinguística, não só a situação imediata, mas também, através dela, o contexto social mais amplo. Ou seja, para esses autores, a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta, pois a “comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção” (p.124). Sendo assim, no dizer dos estudiosos russos, não se pode isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução, pois é graças “a esse vínculo concreto com a situação, que a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal, dos

quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar” (p. 124).

Nesta perspectiva, ao abordar a noção de linguagem, Bakhtin (1934-1935/1993, p. 81) a conceitua como uma realidade axiologicamente saturada, como um fenômeno sempre estratificado, e não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, nem como um ente gramatical homogêneo.

Para o estudioso, a questão do fenômeno estratificado não é apenas no sentido comum do termo frequentemente usado nos estudos lingüísticos, que envolveria os dialetos regionais, sociais, mas principalmente pela saturação da linguagem pelas axiologias sociais, pelos índices sociais de valores.

Bakhtin/Volochinov (1929/2002) também consideram a linguagem como palco onde se concretizam as relações dialógicas, que proporcionam a evolução da consciência, o que ocorre através do signo, considerado pelos estudiosos como instrumento ideológico por natureza. Se, para eles, todo o signo é ideológico e a “ideologia é um reflexo das estruturas sociais”, “toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua” (Id. Ibid., p. 15), isso os leva a defender que a língua é determinada e modelada pela ideologia.

Para tanto, tais estudiosos definem a língua como “expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material” (Id. Ibid., p. 17). Assim a língua é percebida como um conjunto infinito de vozes sociais, vista em seu uso real, possuindo a propriedade de ser dialógica. Ela “vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem mesmo no psiquismo dos falantes” (Id. Ibid., p. 124).

Todo o dizer é, assim, parte integrante de uma discussão cultural em grande escala: ele responde ao já-dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. Dessa forma, todos os enunciados no processo de comunicação, independentes de sua dimensão, são dialógicos.

Nos enunciados existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, pois, na constituição de um discurso, leva-se em conta o discurso de outrem, que está presente no seu discurso, ou seja, todo discurso é inegavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio, ocasionando relação de sentidos entre ambos os enunciados.

Dessa forma, para Bakhtin (Id. Ibid., p. 289) “um enunciado absolutamente neutro é impossível”, pois “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Id. Ibid., p. 272). Assim, conforme Faraco (2003), retomando Bakhtin para haver relações dialógicas é preciso que qualquer material lingüístico tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim, é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplica ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la (Faraco, 2003, p. 64).

É estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie “porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc.” (Bakhtin, op. cit., p. 297). Desta forma, as relações dialógicas se

constituem como relações entre índices sociais de valor, como elemento da interação social.

Pensar no sujeito dialógico, nesta mesma visão teórica, é entendê-lo como “essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que embrião), e não um dialeto individual” (Bakhtin, 1934-1935/1993, p. 135). É nesta atmosfera heterogênea que o sujeito passa a se constituir discursivamente no momento que se encontra mergulhado nas múltiplas relações da interação socioideológica. A partir desse contexto o sujeito é entendido como um conjunto multifacetado, heterogêneo de vozes sociais com seus inúmeros encontros e entrechoques, povoado por vozes em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias.

### 3 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NOVO PORTUGUÊS ATRAVÉS DE TEXTOS

*Novo Português através de textos* (1982) se inscreve em um período marcado pela redemocratização política do país, pela presença da Linguística, que passa a ser marcante nas iniciativas de mudanças do ensino de língua (através das novas concepções de linguagem, língua e das práticas de ensino de língua portuguesa); pela presença de livros didáticos configurados com um alto índice de informações e orientações que passam a fazer parte da esfera escolar para atender à demanda de professores. Este cenário, de certa forma, influencia diretamente na configuração deste manual.

A autora, Magda Soares, compõe seu manual através de dezoito unidades didáticas, cada uma delas se desenvolvendo em torno do texto. O termo unidade didática aparece em um único momento no manual, nas orientações iniciais para o professor, da seguinte forma: “Cada volume se compõe de unidades. Cada unidade se desenvolve em torno de um texto” (p. VII) (negritos da autora).

A sequência de exposição de cada uma delas estrutura-se a partir da seguinte ordem: texto, compreensão textual, vocabulário, ortografia, gramática, redação, linguagem oral, elementos esses constitutivos da forma composicional. Esta organização caracteriza-se por ser extremamente minuciosa, por apresentar comentários para o professor a cada página do livro e em todas as atividades, sem exceção. Para a apresentação dos comentários, é utilizada a seguinte estratégia: inclui-se as páginas do livro do aluno em tamanho reduzido, de forma a apresentar, na parte inferior de cada página do manual, os comentários aos exercícios. As respostas das questões apresentadas estão dispostas junto à página do aluno. Dessa forma, tem-se a impressão de que a autora quer acompanhar o professor integralmente, dando suporte necessário, isto é, procura tornar menos difícil as condições de trabalho em que o professor de língua portuguesa está envolvido, conforme já explicitado na carta ao professor.

As unidades didáticas iniciam pela exposição de um texto predominantemente narrativo, escrito por autor de valor amplamente reconhecido na literatura nacional como Luís Jardim, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino, Clarice Lispector, Aníbal Machado, Marina Colasanti, dentre outros. Para o estudo do texto, está prevista uma motivação inicial para a sua apresentação como forma de preparar o aluno para a leitura, que poderá ser tanto silenciosa quanto

oral. A autora vai sinalizando como o professor deverá fazer uso dessa motivação e proceder com a leitura.

Orientações semelhantes prosseguem na atividade seguinte, que é a compreensão do texto, composta por cinco a doze exercícios, com igual número de notas para o professor.

O trabalho com o vocabulário vem logo a seguir onde são desenvolvidas habilidades de uso do dicionário. Os exercícios propostos, que variam de quatro a dez, podem ser resolvidos em casa, individualmente, ou na aula, individualmente ou em grupo, dependendo do comentário da autora.

A atividade de ortografia é o próximo elemento trabalhado, apresentando um número de atividades variável, de três a seis, geralmente com espaços para serem resolvidos no livro. Seu conteúdo basicamente são as regras de acentuação gráfica, normas de partição de palavras no fim da linha, emprego de certas letras, emprego de iniciais maiúsculas, emprego do hífen, uso de abreviaturas e siglas etc.

A seção seguinte trata da gramática, em que está previsto o trabalho com uma série de elementos gramaticais com seus respectivos exercícios organizados da seguinte forma: parte-se sempre da observação de exemplos, estruturas (nunca do conceito) para, a seguir, realizar os exercícios a partir do que foi observado.

As orientações gramaticais vão sendo apresentadas apenas para o professor nos comentários de cada exercício, através de esclarecimentos, distinções de conceitos. Não há a preocupação de fornecer conceitos ao aluno, mas levá-lo a trabalhar com eles, utilizando apenas a nomenclatura gramatical, trabalhando com a ideia de frase como estrutura formada pela distribuição de palavras em classes.

O número de exercícios gramaticais em cada unidade varia de quatro a onze, com subdivisões em cada um deles e sempre envolve sintaxe e morfologia, conforme esclarecimento da autora em nota ao professor. As frases usadas nos exercícios são retiradas do texto ou nele baseadas. À medida que as unidades vão sendo trabalhadas, os exercícios crescem em complexidade dentro da mesma unidade e de uma unidade a outra, possibilitando ao aluno uma progressão nos estudos gramaticais.

A redação, próxima atividade apresentada, é desenvolvida a partir de dois momentos: primeiro, exercícios de preparação para a redação como, por exemplo, o trabalho com o vocabulário, atividades gramaticais, compreensão do texto; segundo, exercício de redação propriamente dita a partir de uma sequência prevista. Essa atividade, procura desenvolver habilidades de estruturação (introdução, desenvolvimento, conclusão), sendo que a cada novo exercício é previsto que ocorra um progressivo desenvolvimento do aluno.

As orientações ao aluno para a elaboração da redação vão se tornando progressivamente menos minuciosas, mais diretas, pontuais em função de se esperar que o discente esteja mais preparado, com o passar das atividades, de dividir suas ideias em parágrafos.

Encerrando as unidades didáticas, encontra-se a atividade de linguagem oral, para desenvolver as habilidades de expressão oral (falar) e compreensão oral (ouvir), que é desenvolvida a partir de diferentes tipos de exercícios, onde os alunos são convidados a realizar trabalhos em grupo, entrevistas, debates, exposição oral,

discussões, dentre outros exercícios. Nos comentários referentes a esta atividade, a autora fornece sugestões de livros para leituras de outras obras do autor do texto estudado.

Essa atividade está diretamente ligada às demais atividades apresentadas, fazendo um diálogo direto, principalmente, com o texto estudado. Em alguns momentos retoma algo já desenvolvido em outro exercício de linguagem oral de outra unidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

A estrutura organizacional das unidades parte de uma organização mínima: texto e gramática e a esta organização são incluídas as demais atividades: leitura, oralidade, escrita e gramática.

Todos esses elementos permitem afirmar que há uma configuração didática para a apresentação dos objetos de ensino configurados num projeto de aula para o ensino de língua portuguesa: para o aluno, a sequência de texto, gramática e “caderno de exercícios” torna-se a sequência da aula; para o professor, o planejamento, a progressão das aulas, um “caderno de receitas”, pensadas, projetadas e elaboradas por um autor e outros agentes, marcando para aluno e professor a progressão do ano escolar. Esse projeto se constitui como a forma composicional das unidades justamente por apresentarem uma sequencialidade fixa e sempre detalhada.

As unidades vêm marcadas por diferentes apreciações sobre o tema, o ensino da língua portuguesa padrão, a partir dos diferentes objetos de ensino selecionados e da ênfase dada a cada um deles. Dentre os objetos de ensino, o acento maior é dado à escrita, principalmente na atividade de redação, em função de receber um valor apreciativo maior por ser considerada, pelo autor, uma atividade que congrega um conjunto de outras, a saber, oralidade, leitura, gramática.

É possível perceber que, a todo o momento, o aluno é levado a escrever, registrar, anotar como forma de ajudá-lo a desenvolver habilidades de escrita a partir do texto apresentado em cada unidade. Nesse sentido, o próprio título do livro *Novo Português* através de textos sinaliza o posicionamento da autora de, a partir do texto, desenvolver os objetos de ensino, principalmente a escrita.

Ocupando a escrita um lugar central, às demais atividades é reservado um lugar secundário, mas não menos importantes. A leitura e a oralidade têm um espaço considerável, não só pela leitura e compreensão do texto proposto, mas também pela leitura oral de produções realizadas, debates, dramatizações, pesquisas etc. Já a gramática não tem um peso tão grande, em função de ser considerada pela autora como a serviço da comunicação e da reflexão (Soares, 1982, p. XII).

Em relação ao estilo das unidades é possível pensar nele caracterizado por um processo de didatização, focada tanto para o aluno como para o professor. Todo esse processo de didatização vem marcado por escolhas lexicais que se diferenciam dependendo do interlocutor: ao aluno, a escolha lexical demonstra uma grande incidência de frases no imperativo, a saber, complete, leia, classifique, responda, faça, determine, circule, preencha, relacione, substitua, observe, compare, descreva, escreva, leia, ligue, exprimindo ordens a serem executadas, cumpridas. Em outros momentos, principalmente nas atividades de redação e linguagem oral, o autor se dirige diretamente ao aluno,

dialogando com ele, como se estivessem face a face, num mesmo espaço e num mesmo tempo. Esta aproximação com o aluno ocorre através do uso do você, marcando, assim, a posição axiológica do autor, como, por exemplo, escreva, numa folha de papel, o que você...; você já escreveu..., que objetos você gostaria..., você espera obter..., dentre outros.

Esta relação não é a mesma quando o interlocutor é o professor. Os comentários aparecem para orientar, conduzir, ensinar o professor a como proceder na realização de cada atividade. O uso da linguagem é diferenciado em função de as frases aparecerem predominantemente no infinitivo, revelando um caráter de orientação, sugestão, explicação: dar alguns minutos para que os alunos observem, levar os alunos, recomendar os alunos, explicar aos alunos, relacionar o texto, orientar os alunos, pedir aos alunos, parecendo um manual de instruções apresentado como algo capaz de responder às mais diversas necessidades e atender aos mais diferentes contextos.

O estilo nessas unidades vêm marcadas, também, pela presença de diferentes vozes, dentre as quais destacamos: voz da tradição do ensino de língua portuguesa, percebida através dos elementos que constituem os eixos das unidades: texto e gramática, e também uma outra, voz de do conhecimento acadêmico científico, marcada pela Linguística Estrutural Distributiva, mostrando a interferência dos estudos linguísticos na época.

Podemos perceber, ainda, a voz do autor que sintonizada às demais, procura organizar as unidades respondendo a enunciados daquela esfera escolar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] SOUZA JÚNIOR, Marcílio; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.3, set./dez. 2005, p. 391-408.
- [2] SOARES, Magda Becker. Um olhar sobre o livro didático. In: *Presença Pedagógica*, v.2, n.12, Nov./dez. 1996, p. 52-64.
- [3] SOARES, Magda. *Novo Português através de textos*. 6ª série do Ensino de Primeiro. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- [4] BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e saber escolar: 1810-1910*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- [5] BAKHTIN, Mikhail /VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2002.
- [6] BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: *Questões de Literatura e de estética: a teoria do romance*. 3. Ed. Tradução Bernardini et al. São Paulo: UNESP, 1934-1935/1993, p. 71-210.
- [7] FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba, Paraná: Criar, 2003.